

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA

# O SAMURAI NEGRO

ROMANCE HISTÓRICO

TEMAS E DEBATES

## SUMÁRIO

1	SOL-NASCENTE .....	9
2	DEZ MIL PAÍSES .....	31
3	O PIRATA QUE CHORAVA.....	57
4	OS PORTUGUESES .....	77
5	ANA .....	105
6	CAPRICHOS DO DESTINO .....	131
7	ODA NOBUNAGA.....	161
8	FLÁVIA .....	199
9	O BATIZADO .....	225
10	<i>CORPUS CHRISTI</i> .....	269
11	DOM JUSTO.....	289
12	O PADRE GIUSEPPE .....	323
13	O VISITADOR .....	353
14	A QUEDA DO ANJO .....	381
15	O TROAR DO CANHÃO.....	411
16	SOL-POENTE .....	443
	NOTA FINAL .....	471

## SOL-NASCENTE



MAR ESTAVA CALMO e o navio avançava rapidamente, empurrado pelo vento. Ao fundo, o negrume dava lugar a um rosado suave. As velas haviam sido desfraldadas há pouco, assim que a escuridão começara a desvanecer-se e quando, por coincidência, a brisa da noite ganhara força. A maior parte dos passageiros dormia, enquanto a tripulação cumpria suas tarefas. O esforçar das velas e o barulho da água rasgada pelo monstro de madeira já não eram notados pelos navegantes, que cruzavam o mar alto há quase um mês. E todos os que viajavam naquele navio eram homens experimentados no mar; alguns já tinham visto a largueza do mundo e conheciam outros continentes e outros oceanos, e quase todos eram veteranos das rotas do mar da China.

Dois homens espreguiçando-se assomaram ao convés e espreitaram o horizonte, mas não havia nada para ver senão

o mar e o céu. Encostaram-se à amurada, mudos, taciturnos, ainda ensonados; um ficou aborrecido pela presença do outro, mas não teve ganas para se mudar enquanto recordava a terra onde nascera há mais de cinquenta anos, bem longe dali, e revia carvalhos, choupos, sobreiros, azinheiras, oliveiras ou penedos de granito que perduravam em sua memória, embora não os visse para lá de uns trinta anos. O outro lembrava a cara do pai quando se despedira para sempre e começou uma vida aventureira que durava há uns bons vinte e cinco anos, desde que embarcara num parau em Patane, muito antes de entrar ao serviço dos portugueses. O som triste de uma viola trouxe-os de regresso ao presente e ambos olharam para o castelo de proa.

Sentado junto ao mastro da mezena, Carlos começou a dedilhar as cordas do instrumento quando o primeiro pedacinho de vermelho incandescente aflorou o horizonte. Depressa o disco solar ficou resplandecente e as águas do oceano tornaram-se menos negras.

- Toca mal, o preto...
- Ora, senhor Vasconcelos, soa-me bem seu melodia.
- És preto, como ele... não percebes nada, nem sabes falar minha língua como deve ser.

O siamês enfureceu-se, mas controlou-se. Todos sabiam que Afonso de Vasconcelos era um petulante que não devia ser contrariado; só o capitão-mor da nau tinha mão nele... e com uma certa dificuldade. Passara quase toda a vida em Goa, onde casara com uma das raras mulheres brancas que

tinham vindo de Portugal. Depois de enfiar resolvera experimentar novos negócios, mas desde que passara Malaca queixava-se permanentemente de estar no meio de selvagens e de lhe faltarem as boas gentes do reino. Havia muitos portugueses naquele navio, mas, de facto, poucos tinham nascido naquela terra estranha e longínqua de que ele tanto ouvia falar e que se chamava Portugal.

Carlos continuava a dar voz à guitarra... sons que saudavam o sol-nascente.

Entretanto, Tomé subia as escadas de corda e quando alcançou o cesto da gávea assustou-se ao ver aí sentado Saburo, o samurai. Era um servidor da Casa de Omura e tinha sido batizado solenemente em Macau há dois meses.

– Senhor Miguel ! O que faz aqui?

O japonês olhou o moço negro e respondeu:

– Estamos perto de minha terra. Quero ser o primeiro a vê-la!

– Achais que estamos perto?

Saburo respondeu-lhe, gritando:

– Está ali. Olha, rapaz! Olha as montanhas de Japão.

O sol-nascente estava um palmo acima do horizonte, e, um pouco à esquerda, a silhueta de uma montanha começava a ganhar forma. As palavras de Saburo foram repetidas pelo grumete que vigiava no alto do outro mastro, os homens em baixo agitaram-se e pouco depois muitos passageiros apinhavam-se no convés; uns mercadores, dois padres da Companhia, um artilheiro alemão, um chinês, que ra-